

ANO XLIII - MAIO DE 2016

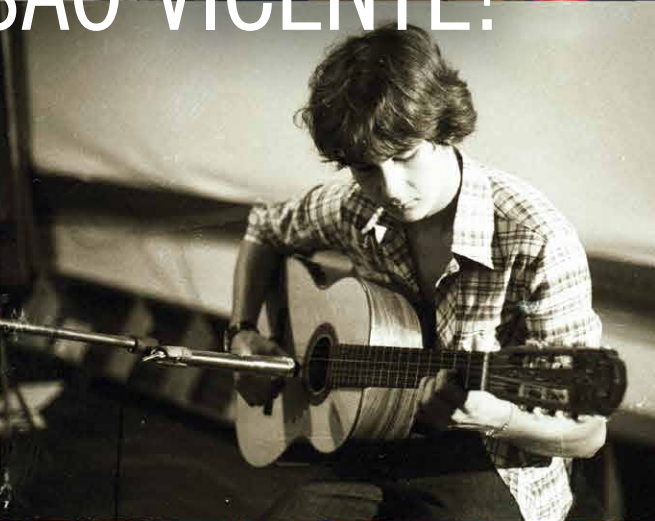
a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



A MÚSICA VIVE NO SÃO VICENTE!



AGRADECIMENTO

Quando ficou acertado que dedicaríamos esta edição da revista à música e a importância que ela tem para o São Vicente, enviamos mensagem aos ex-Alunos pedindo que eles nos indicassem pessoas que tiveram suas vidas marcadas pela formação musical do Colégio. As respostas foram muitas e as histórias, muito interessantes. Como a revista é impressa e, por conseguinte, tem um espaço restrito, fizemos uma seleção de ex-Alunos que representassem as diversas gerações que passaram por aqui. Com isso, muita gente e muita história boa ficou de fora. Uma pena. Mas queremos registrar aqui o nosso agradecimento a todos vocês que atenderam ao nosso chamado para dar seu depoimento: Luca Tornaghi, Daniel Sander, Marcos Souza, Bruno Migliari, Breno Goes, Laura Canabrava e Thais Siervi, mãe de Ana Mérope, que faz dupla com Francisco Beltrão, todos ex-Alunos

MUITO OBRIGADO, AMIGOS!

MENSAGENS

Prezados Editores,
Como neto da **Maria Célia Bustamante**, venho informar, com pesar, sobre o seu falecimento no dia 08/05/2016, aos 89 anos. Ela foi a fundadora da revista e tinha grande orgulho do que **A Chama** se tornou. Atenciosamente,
Rodrigo Bustamante Smolka.

Nota da redação: **A Chama** recebeu com pesar a notícia da morte de sua fundadora, **Maria Célia Bustamante**. Na próxima edição, faremos uma merecida homenagem a ela.

O PÁTIO DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Quantos pezinhos pisaram este solo e o tempo os fez crescer.

Quantas lágrimas ele secou, de alegria e tristeza.

Quantas vezes o paredão refletiu os gritos das crianças, suas brincadeiras e torcidas em seus jogos.

Ele também refletiu o choro dos que foram reprovados e os berros de alegria dos aprovados.

O piso do pátio é onde todos se sentem livres do rigor das aulas e "jogam fora" o tempo.

Foi no piso do pátio que os jovens começaram a se dar as mãos e no futuro se casaram.

Até hoje, passados tantos anos, recebo e-mails de ex-Alunos, na verdade de

ex-colegas, muitos dos quais agora estão casados e têm filhos e ali se encontraram pela primeira vez.

Para mim, sei que o tempo passou, mas a vida é assim, é como um relógio de corda infinita, não para nunca.

O piso do São Vicente não sabe em quantos países seus Alunos pisam hoje e em quantos idiomas sabem se expressar.

Minha filha, por exemplo, morou na Inglaterra, onde se casou, e mudou-se para a Alemanha, tendo hoje um filho de 6 anos que já se expressa nos três idiomas.

Por mais que a gente desanime com os desgovernos deste país, o São Vicente marcou todos os que pisaram aquele pátio e ali deixaram suas pegadas.

Hugo Pinheiro, prof. aposentado

a chama

Ano XLIII Nº 92

Maio/ 2016

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125

Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: revistachama@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Maurício Paulinelli e Tulio Vasconcellos

Reportagem: Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Pe. Maurício Paulinelli, Helcio Alvim e Marlene Darte

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSVP, arquivo Greco, Rosa Lima, Christina Barcellos, fotos enviadas por ex-Alunos, Maria Clara Barbosa, José Henrique e Patricia Costa

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidente: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra

Vice-Presidente: Simone Fuss Maia da Silva e Angelo Maia da Silva

Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães

Secretária: Lucia Carvalho Coelho e Fernando José Rodrigues

Tesoureira: Verônica de Gusmão Mannarino e Alvaro Kilkerry Neto

Representante dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos

Assistente Eclesiástico: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal: Neuza Miklos/ Álvaro Barbosa de Carvalho, Marlene Martins

Duarte/Ronaldo Souza Soares, Sheila O. Guimarães/ Flavia F. Bezerra

Secretário da APM: Edevino Panizzi

SUMÁRIO

2 CAPA UMA ESCOLA QUE TOCA INSTRUMENTOS E CORAÇÕES

O QUE DIZEM OS EX-ALUNOS

11 PASTORAL UMA MÚSICA QUE VIROU HINO

12 ONTEM E HOJE

14 TRANSFORMADORA SOCIAL MARIA CLARA BARBOSA

16 ENTREVISTA PATRICIA COSTA

18 COMO SE FAZ SARAU, O GRANDE CELEIRO DE TALENTOS MÚSICAIS

20 NOTAS

23 GRÊMIO A PARTICIPAÇÃO NO CONGRESSO DA UBES

CAPA: NO ALTO, TOCANDO BATERIA, CAETANO MACHADO; À DIREITA, O MAESTRO PAULO MALAGUTI; ABAIXO DELE, O EX-ALUNO FABIANO LACOMBE; AO CENTRO, NA PLATEIA, O SAUDOSO JORGE LUÍS; A SEU LADO ESQUERDO, OS PROFESSORES JOSÉ D'ASSUMPTÃO E RENATA SALOMONE; LOGO ABAIXO, O CORO DO ENSINO MÉDIO; À DIREITA, APRESENTAÇÃO DE VIOLÃO NO SARAU DE 1974; EMBAIXO, O BLOCO DE CARNAVAL DOS ALUNOS E, A SEU LADO, UMA APRESENTAÇÃO DO CORO SÃO VICENTE A CAPPELLA.

EDITORIAL

“A música, eu a considero, em princípio, como um indispensável alimento da alma humana. Por conseguinte, um elemento e fator imprescindível à educação da juventude.” (Heitor Villa-Lobos, 1946).

Como garimpeiros, fomos atrás de histórias sobre a Música e o Colégio São Vicente de Paulo. Quantos Alunos foram influenciados, ou não, pelo aprendizado da música no Colégio. Quantos grupos fecundaram ao som dos Saraus do São Vicente. Histórias de outrora, belíssimas, que vocês poderão conferir nas páginas que seguem.

Porém os Alunos do São Vicente expressam-se não só pela Música.

O alto do prédio do Colégio São Vicente de Paulo é o espaço ideal para os Estudantes Vicentinos expressarem seu pensamento, manifestarem o seu olhar crítico sobre o mundo em que estão inseridos. Tem sido assim, manifestando-se com faixas por eles confeccionadas, sempre fruto de intensa conversa entre Alunos, Professores, Coordenação e Direção.

Não se poderia esperar outra coisa de Estudantes do Colégio São Vicente de Paulo, uma instituição que “tem como ideal ajudar a formar agentes de transformação social” (PPP/CSVP pág. 7), ajudar a “formar Cidadãos para conviver de forma integrada, afetiva, ética, DEMOCRÁTICA, participativa e solidária, ...” (PPP/CSVP pág. 27), “transformadores de estruturas, capazes de intervenções políticas criativas ao infinito” (PPP/CSVP pág. 40).

Mesmo assim, no sábado 16 de abril, quando os Alunos estenderam a faixa “Onde houver Educação, haverá DEMOCRACIA”, os telefones do Colégio não pararam de tocar. Pais preocupados com os dizeres, com a coloração, e até pessoas ameaçando atentar contra o Colégio e seu espaço físico.

Gostaria de parabenizar os Alunos, os Professores que orientaram na escolha da frase, e Coordenação e Direção por não a terem tirado.

Obrigado.

Boa Leitura!

Carlos Diniz.

UMA ESCOLA QUE TOCA INSTRUMENTOS E CORAÇÕES

Nas aulas, corais, saraus e festivais, a música tem papel de destaque no São Vicente, ajudando a formar cidadãos sensíveis e futuros profissionais do meio

O recente sucesso do grupo Subversos no quadro *A Cappella* do programa de tv *Domingão do Faustão* é apenas a ponta do iceberg. Com seis ex-Alunos do São Vicente entre seus integrantes, o grupo vocal é um dos muitos com talentos musicais que iniciaram sua trajetória nos muros do Colégio.

É o caso também do Grupo Zanzibar, que está em vias de lançar seu primeiro CD, cujos sete integrantes passaram todos pelo coral São Vicente a Cappella, o SVAC, sendo quatro deles ex-Alunos do São Vicente. Outro grupo vocal de peso, os GóGó Boys, tem três ex-Alunos do Colégio, os três também ex-coralistas nossos. Assim como o premiado sexteto vocal Ordinarius, que conta com dois ex-sãovicentinos no seu *cast*. Isso para ficar apenas nos jovens grupos vocais.

Sem falar nos muitos solistas, instrumentistas, regentes, compositores, arranjadores, produtores, pesquisadores e Professores de música que passaram pelos bancos escolares do CSVP e hoje brilham pelo país e até pelo mundo afora.

Gente das novas e velhas gerações que, quando não estudou música na sala de aula, participou dos corais, dos saraus ou dos festivais de música que o Colégio promove, e levou esse legado para a vida profissional e pessoal.

Quando perguntado se a vida musical do São Vicente influenciou sua escolha profissional de alguma forma, o músico, produtor e engenheiro de som Bruno Giorgi, que toca na banda do cantor Lenine, assim respondeu: “Muito. Me lembro bem das aulas de música com Lauro (Basile), onde desmontamos pianos, tivemos os primeiros contatos com improvisação e dinâmicas de



Alunos do 5º ano do Fundamental aprendem flauta doce com a Professora Débora Braga

grupo. Lembro das aulas de física com o Hugo e do seu entusiasmo com os Alunos que demonstravam interesse por eletrônica e áudio. Lembro das aulas com o Daniel (Quaranta), onde tive meu primeiro contato com tantas formas diferentes de se fazer música”.

O violonista, compositor e musicólogo Carlos Sandroni, professor da Universidade Federal de Pernambuco, também conta que foi muito marcante o período em que estudou no São Vicente, quando fez o então Segundo Grau (Ensino Médio). “Cantei no coral e participei de muitos saraus no Colégio. Foi no São Vicente também que eu conheci a Clarinha (Maria Clara Barbosa, hoje regente da Orquestra Popular Tuhi –leia mais sobre ela na seção “Ex-Aluno Transformador social”). A primeira vez que eu vi um cavaquinho e toquei choro na vida foi com ela no Colégio. Juntos formamos um regional (do qual participaram também os Alunos Rosane Volchan, na flauta, e Ricardo Amorim, no pandeiro), o *Levanta a Poeira*, que recentemente eu vi citado numa tese de doutorado americana sobre o revival do choro no Rio, nos anos 70”.

Histórias como essas não faltam (leia depoimentos nas páginas seguintes). “A gente fica muito feliz quando percebe que a semente que plantamos aqui nos corações brota e dá frutos bonitos”, diz Leonardo Lois, Professor do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. “Começamos abrindo janelas, mostrando as possibilidades de sons, ritmos, instrumentos, todo o universo vasto da música. Trabalhamos basicamente com instrumentos de percussão, com o próprio corpo, com dança, para que se possa entender pulsação, ritmo, movimento, parada, som e silêncio”.

Da esq. para a dir., os Professores de música do CSVP: Lauro Basile, Leonardo Lois, José D'Assumpção e Débora Braga



ARQUIVO SÃO VICENTE

diz Leonardo. E complementa: “esse trabalho de base dá os fundamentos do que será desenvolvido depois, com flauta, teoria, leitura e escrita, e também com prática de conjunto”.

Expressão e transcendência

Professor do 6º, 8º e 9º anos do Fundamental e também do 1º do Ensino Médio, José D'Assumpção rebate a ideia de que música seja apêndice no currículo, para auxiliar no aprendizado de outras disciplinas e competências. “É importante a gente pensar um Aluno que estuda música como aquele que será capaz de desenvolver habilidades no próprio âmbito musical. Música é expressão, é transcendência, é emoção, é uma linguagem extremamente rica que comunica através da emoção. O Aluno do São Vicente percebe isso com facilidade porque tem música muito cedo e ao longo de toda a vida escolar. Não é à toa que a gente tem tantos ex-Alunos na UniRio, na UFRJ e na carreira musical”, diz.

Para Débora Braga, Professora dos 4º e 5º anos do EF e regente do coro infantil, o São Vicente é visivelmente um Colégio que valoriza a música. “Só o fato de termos sete corais já mostra isso. Mas há vários outros elementos que contribuem para a boa formação musical dos Alunos: as turmas são divididas em dois para que possamos trabalhar com grupos de no máximo 15 Alunos por vez; todas as séries têm música como disciplina obrigatória no Fundamental e como opcional no 1º ano do Ensino Médio; temos duas salas de música muito bem equipadas, com tratamento acústico nas portas e janelas, computador com internet, equipamento de som de qualidade, piano elétrico e uma gama grande de instrumentos novos. A infraestrutura influencia diretamente na montagem do currículo. Já trabalhei em escola que não tinha nada, então a única coisa possível era ensinar história da música”, afirma.



CHRISTINA BARCELLOS

Há 30 anos no CSVP, sempre como Professor de música do 3º ano do Fundamental e agora à frente do 7º ano, Lauro Basile, que também é Diretor do grupo de teatro infantil, diz que tem paixão pelo Colégio, cujo grande diferencial a seu ver é o investimento que ele faz nas artes. “Isso cria um alunato mais humano, mais sensível ao outro”.

Lauro frisa que o objetivo da escola não é formar instrumentistas, ainda que quem queira seguir a carreira de músico encontra aqui uma boa base pra isso. “Nosso objetivo maior é formar cidadãos sensíveis. A gente sabe que hoje com as tecnologias de comunicação, tudo é muito rápido, o que é bom por um lado, mas gera também uma certa ansiedade. Então, uma coisa que estamos tentando trabalhar também nas aulas de música é o saber parar para ouvir, seja uma música, o que o outro está dizendo, o próprio silêncio, como forma de sensibilização e percepção de nós mesmos e do mundo ao redor”, diz.

Fora as aulas de música, há ainda os saraus, organizados pelo Grêmio, e os festivais de música, que voltaram a ser promovidos pelo Colégio de três anos para cá. O

Ao lado, Danilo Frederico rege o coro São Vicente Ensino Fundamental (SVEF) no ensaio da canção *Rolling in the deep*, de Adele.



ARQUIVO SÃO VICENTE

Ao lado, o “bruxo” Hermeto Paschoal toca junto com os Alunos no pátio, durante a Semana Cultural do Colégio, em maio. Abaixo, Alunos e Professores cantam juntos no “Sarau da Ditadura”, em 2014

primeiro deles, em 2014, lembrou os 50 anos da ditadura militar, com canções de protesto e todo o clima da época. No ano passado o tema foi os 450 anos do Rio, e este ano o Colégio vai homenagear o centenário do samba, marcado pelo lançamento da música *Pelo telefone*.

E, é claro, há os corais, que fazem enorme sucesso dentro e fora da escola. Esse movimento teve início ainda na segunda metade da década de 1970 com o pianista Homero de Magalhaes e seu filho, o maestro Homerinho, sucedidos por Paulo Malaguti, o talentoso Paulinho Pauleira, em 79. Mas foi com a regente Patrícia Costa, em 1993, com a criação do coro do Ensino Médio, que ele ganhou mais corpo até tornar-se o que é hoje. Atualmente, são sete grupos corais em atuação: os coros Mirim, 1º ao 3º ano; Infantil, 4º e 5º anos; SVEF, 6º ao 8º; SVEM, 9º ao 3º; SVAC – São Vicente a Cappella, e dois adultos, de ex-Alunos, Pais e amigos do Colégio.

“Acho que esse sucesso se deu por conta da adequação de repertório. Durante muito tempo, o canto coral tinha um estigma de coisa formal e erudita. Quando se está numa escola, é importante o regente entender a linguagem do jovem. E quando a gente sacou isso, conseguimos conquistar o interesse dos Alunos. Além disso, investimos em direção cênica, em figurino e na participação dos Alunos na criação do show”, diz o regente Danilo Frederico, desde 2003 no São Vicente. Hoje, ele está à frente dos coros São Vozes e Amigos do São Vicente, e, temporariamente, do São Vicente a Cappella e do SVEM, até a volta da Patrícia Costa, que está nos EUA fazendo seu doutorado.

À exceção dos coros adultos, todos os demais são gratuitos e abertos à participação dos Alunos. O SVAC é o único coro para o qual há uma seleção, para ver se o candidato se enquadra nas exigências tanto

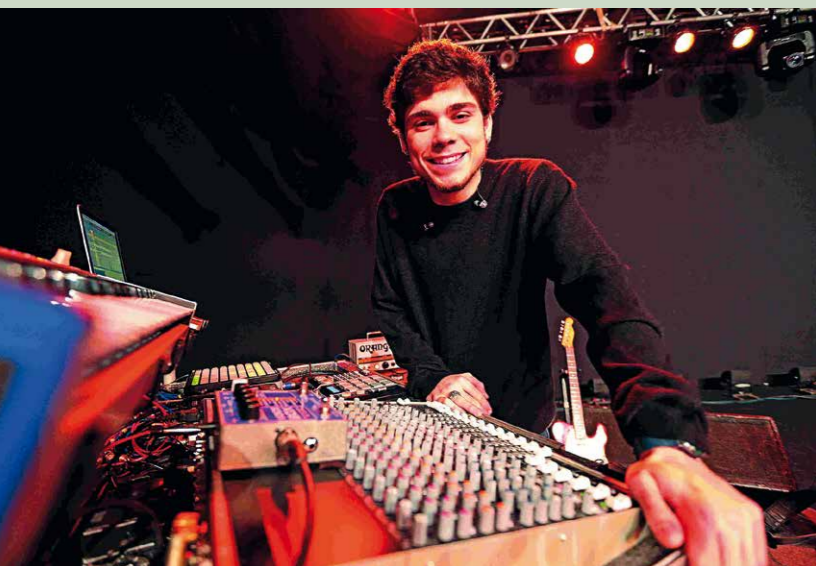


ARQUIVO SÃO VICENTE

do repertório, mais rebuscado, quanto da disponibilidade e comprometimento que o coro exige, já que são seis horas de ensaios semanais. Hoje o São Vicente a Cappella é referência em coro juvenil, tirou 1º lugar num concurso da Funarte e participa de festivais no Brasil e também no exterior.

“Isso é um grande orgulho para nós do São Vicente, para mim e Patrícia, principalmente. Esse é um movimento que não é trivial. Existem coros em outras escolas, mas com esse peso, acho que não tem não”, finaliza Danilo.

O QUE DIZEM OS EX-ALUNOS



Bruno Giorgi, produtor musical, engenheiro de som e músico, 27 anos.

Estudei no CSVP por toda a minha vida escolar. Terminei o Ensino Médio em 2006. Tive aula de música com o Professor Lauro durante os primeiros anos de Colégio e, mais tarde, com o Professor Daniel Quaranta. Participei de todos os saraus e festivais que aconteceram durante meus estudos no CSVP. Meu primeiro show foi no pátio central do Colégio. E até hoje percebo como estes eventos juntaram pessoas interessadas em música; são muitos os meus amigos de profissão que passaram pelo coral da Patrícia. Acredito que tive sorte dos meus Pais terem me colocado numa escola que leva em consideração o interesse do Aluno. Isso foi fundamental para entender o que eu queria fazer como profissional. Foi por conta do estímulo que Professores como o Hugo e o Daniel me deram que descobri minha paixão pela engenharia de som. Hoje divido meu tempo entre a produção de artistas/bandas no meu estúdio e os shows. Toco bandolim e guitarra com o cantor Lenine e sou engenheiro de som nos shows das bandas Rua (Recife) e Baleia (RJ).

Leandro Vasques, baixista, arranjador, cantor e professor de música, 32 anos

Estudei no São Vicente de 1990 a 2001. Na minha época ainda não era obrigatório o ensino de música em todas as séries, mas fui aluno do Lauro Basile, da Norma Nogueira (coral infantil) e da Patrícia Costa. Frequentei todos os corais da escola, os festivais e fui campeão do Sabadão por duas vezes. Eu decidi ser músico por causa do Coral São Vicente A Cappella onde cantei por muitos anos, desde a sua formação em 1999, quando fomos campeões do concurso nacional Funarte de canto coral. No SVAC, fui monitor dos naipes de baixos e barítonos. Também fui monitor dos corais do Museu Villa-Lobos, coral da Fiocruz, coral Ipiranga entre outros. Atualmente sou diretor musical do cantor Tiago Abravanel e trabalhei como baixista em diversos musicais, entre eles Tim Maia Vale Tudo - o Musical, Os Saltimbancos e Ou Tudo Ou Nada. A formação musical que tive no Colégio foi fundamental na minha vida profissional e pessoal. Apesar de ser filho de músico, o que me fez decidir pela profissão foi a experiência que eu tive no São Vicente.



Alice Passos, cantora e professora de música, 25 anos

Estudei da então 3ª série ao 2º ano do Ensino Médio no São Vicente, de onde saí em 2007. Tive aula de música da 3ª à 5ª série. Mas o mais marcante para mim foi a participação nos corais. Fiz parte do SVEM por um ano e do SVAC por três, experiência extremamente enriquecedora para minha vida tanto musical quanto pessoal. Patrícia, Malu e Danilo sempre foram excelentes educadores e músicos. O trabalho é sério, profundo. Exige bastante disciplina, tem uma riqueza de detalhes, um acabamento muito bom, coisa rara de se ver tanto na música quanto em engenharia, política (aí nem se fala...), etc. Em 2013 me formei em arranjo na UniRio e também dou aulas de música (musicalização, preparação para o THE de música, canto, flauta e cavaquinho). Hoje estou terminando meu primeiro disco solo, produzido por Maurício Carrilho, que terá canções inéditas de Guinga, Francis Hime, Paulo Cesar Pinheiro e do próprio Maurício, entre outros compositores, e com participações especiais de Guinga, Egberto Gismonti e Yamandu Costa.



Carlos Sandroni, violonista, compositor, musicólogo, prof. da UFPE, 57 anos

Estudei no SV de 1974 a 1976, no que hoje seria o Ensino Médio. Não tive aula de música no Colégio, mas cantei no coral, que era originalmente regido pelo húngaro George Kiszely, seguido pelo pianista Homero de Magalhães e depois pelo filho dele, o famoso maestro Homerinho. Foi na nossa época que começaram os saraus, iniciativa do Grêmio, junto com o Jorge Luís de Souza e Silva, que era coordenador do 2º Grau e foi uma pessoa muito marcante pra gente. Esse nome sarau tem a ver com o espetáculo que o Paulinho da Viola fez na época, lembrando os saraus no início do século passado. Eu participei muito dos saraus, a minha irmã (a cantora) Clara também. O Lobão, que era da minha turma, cantou num desses saraus o "Rock Cenoura", para o qual eu fiz backing vocal. Houve uma polêmica se a gente devia aceitar rock, já que o nome sarau evocava um evento ligado às tradições musicais brasileiras, mas eu fui um dos que votaram a favor, e ele tocou seu rock. Também me lembro do Rafael Rabello tocando Magoadado, do Dilermando Reis, num sarau do Colégio, e eu fiz o segundo violão com ele. O período do São Vicente me marcou muito.



Anna Coelho, cantora e diretora musical do Grupo Zanzibar, 23 anos

Eu estudei no São Vicente entre 2004 e 2010. Tive aulas de música desde a 5ª série até a 7ª série. Entrei no coral São Vicente Ensino Médio em 2009 e no São Vicente a Cappella em 2010. Neste último fiquei por quatro anos. Acabei de me formar em Licenciatura em Música na UniRio e trabalho principalmente com música vocal. Eu comecei a estudar música aos 6 anos, nos Flautistas da Pro-Arte, e cantei por 3 anos no coral da minha escola anterior, a Sá Pereira. Mas descobri um novo caminho na música ao começar a cantar em coro com a Patrícia Costa. Depois de um tempo no coral, eu e mais alguns outros coralistas criamos o nosso próprio grupo vocal, o Zanzibar, o qual está em vias de lançar o seu primeiro CD, sob minha direção musical. Além disso, eu comecei a estudar canto e regência coral, pensando em me instrumentar para possíveis trabalhos nesse meio. A vivência no coral do São Vicente foi muito enriquecedora e me inspirou a seguir o meu caminho na música. Depois que eu comecei a cantar, nunca mais larguei.

À frente, Anna Coelho com os integrantes do Grupo Zanzibar, de música vocal



André Sheik, artista plástico e músico, ex-integrante da banda Biquini Cavado, 50 anos

Estudei no CSVP de 1977 a 1983 e foi lá que ganhei o meu apelido, Sheik. Não tive aulas de música no Colégio, cheguei a ir a uma aula do coral, mas não continuei. Fiz teatro e ia aos saraus com frequência. Os eventos musicais mais marcantes para mim foram os que participei ou estive envolvido na produção, como o show dos Paralamas do Sucesso. O ano de 1983 foi marcado pela demissão de vários Professores e pelo movimento que ficou conhecido como “vigília”, mas, antes da ocupação do Colégio pelos Alunos, houve um sarau no qual toquei com o meu grupo que depois veio a se profissionalizar. Nesse sarau, fizemos uma versão de uma música muito tocada na época, “Da Da Da”, do grupo alemão Trio, adaptando a letra para a situação de repressão que começou a se instalar no São Vicente, já no período final da ditadura. O refrão dizia: Em um Colégio liberal / Tem censura no jornal. Referência à censura imposta pela Diretoria ao jornal dos estudantes, fato que não havia acontecido em momento algum enquanto estudei lá. O sarau foi no ginásio novo, e não mais no auditório do quarto andar (como era de costume), e o público cantou em coro.



Fabio Calderon, estudante de Design, fotógrafo e cantor no grupo vocal Subversos, 24 anos

Estudei no São Vicente da 5ª a 8ª série (de 2004 a 2007) e tive aula de música até a 7ª série. Cantei nos corais São Vicente Ensino Médio e São Vicente a Cappella e hoje participo do grupo vocal Subversos. Nos coros entrei em contato com músicas totalmente distante do meu universo e que me enriqueceram muito culturalmente! Cantar em coro sempre me fez muito bem!!! Fiz muitos amigos, conheci pessoas muito diferentes de mim e aprendi a conviver bem com todos. Nesse sentido, acredito que o canto coral me ajudou muito para que no meu cotidiano eu conviva melhor com pessoas diferentes de mim. Sou extremamente ligado a dança, pois sempre gostei muito de dançar! Portanto, a minha relação com a música é no dia a dia. O fone não sai do meu ouvido! (Risos).



Fabiano Lacombe, cantor, compositor, arranjador, professor de canto e pesquisador, 37 anos

Sou ex-Aluno do SVP, onde estudei de 1986 a 1995, e tenho um quinteto vocal, GoGó Boys, com outros dois ex-Alunos, Márcio Pizzi e o Rafael Pissurno (todos ex-coralistas da Patricia Costa). Tive poucas aulas de música na escola, porque na época não era disciplina obrigatória como hoje, mas participei do coro. Aliás, eu fui do primeiríssimo grupo arregimentado pela Patricia, em 1993, e continuei no coral muitos anos depois de sair do Colégio. Também cantei na semana de arte e filosofia junto com um duo de violão. Se hoje tenho a música como profissão, foi por conta da experiência no coral do SVP. Eu era um adolescente muitíssimo tímido. O coro foi responsável não só por uma mudança profissional (eu não cogitava a música como profissão antes), mas também pela melhora nas minhas relações com as pessoas. Certamente o coro me fez uma pessoa mais confiante e comunicativa.

Fabiano Lacombe, ajoelhado à esq, junto com os colegas do GoGó Boys, que tem mais dois ex-Alunos do SV



ALEX BRAGA

Gabriela Garrido, estudante de Publicidade e Propaganda e cantora, 20 anos

Entrei no São Vicente na 5ª série e fiquei até o fim do 3º ano. Me formei em 2012. Tive aula de música da 5ª a 8ª série do Fundamental, mas foi nos saraus do Colégio que me descobri cantora. Acabo de lançar meu EP de estreia. O que eu vivi no São Vicente me fez perceber que não largo da música nunca mais! Foi bem importante ter a música presente durante a minha formação no Colégio. E mesmo quando não era na aula de música em si, mas por exemplo quando músicas eram usadas nas aulas de inglês, espanhol, em trabalhos de sociologia, festa junina... Combinar a criatividade e o ensino, para mim, sempre será uma boa escolha! Minhas primeiras composições com certeza foram na escola. Faço faculdade de Publicidade e Propaganda na PUC e busco conseguir juntar a publicidade com a música sempre: nos estágios que procuro, e espero que em futuros trabalhos.

Pedro Tentilhão, baterista, 21 anos

Concluí o Ensino Médio no CSVP em 2012. Comecei a fazer aula de bateria em 2006, e hoje já trabalho como músico. O Colégio teve papel fundamental, tanto na formação, quanto no incentivo em relação à música e às artes em geral. Os meus projetos atuais são as bandas "RivoTrio 2mg" e "Baltazar". Gostaria de frisar que minha banda Baltazar é composta pelos também ex-Alunos Eric Camargo, João Marcelo Costa e Pedro Mibieli, e tem, na produção, Artur Porto, Bruno Niquet e Victor Vasconcellos. Todos estão absolutamente envolvidos no projeto e lançaremos novo material em breve.

ARQUIVO PEDRO TENTILHÃO



Da esquerda para a direita Pedro Tentilhão, João Marcelo Costa, Eric Camargo e Pedro Mibieli, todos ex-Alunos do Colégio



ARQUIVO SÃO VICENTE

UMA MÚSICA QUE VIROU HINO

Quem frequenta o São Vicente sabe. Em todas as celebrações festivas do Colégio, nos aniversários e formaturas, há sempre uns versos cantados em uníssono pela Comunidade escolar: "São Vicente, amigo dos pobres, amigo da gente, amigo de Deus". Trata-se da música em homenagem a São Vicente de Paulo.

O curioso é que, da mesma forma que a marcha *Cidade Maravilhosa*, composta por André Filho para o carnaval de 1935, foi oficializada como hino da Cidade do Rio de Janeiro na década de 60, também a música *São Vicente de Paulo*, surgida num festival juvenil em Belo Horizonte, acabou por desbancar o hino oficial do Colégio.

É Zeduh, o Professor de Religião, que está sempre com seu violão nas festividades do Colégio, quem conta a história:

"Eu me lembro que, um ano antes da morte do Padre Almeida, havia uma discussão sobre qual era o hino do Colégio São Vicente. Até que pouco depois, por ocasião da comemoração dos 40 anos do CSVP, em 1999, a Patrícia Costa veio incluir alguns flashes do hino original do Colégio dentro do CD comemorativo do aniversário.

Aquele era o hino da geração antiga e dizia: "Colégio São Vicente, a tua força é ciência e fé". Só que em termos de melodia e até de entendimento mesmo, ele não atingiu o alunado como um todo e não pegou. Foi sendo aos poucos deixado de lado, esquecido e quase não se ouve mais falar dele.

No CD, esse hino original acabou sendo mesclado com uma outra música, uma segunda versão, composta por Márcio Pizzi, chamada *Declaração*, cantada pelos corais da Patrícia. Nessa canção, a letra fala "São Vicente, seu Aluno é sempre um sonhador. São Vicente é tirar vitórias de uma dor. É saber como se vive, etc". É muito bonita, mas é longa e difícil de cantar.

Música:
São Vicente de Paulo
Província Brasileira da
Congregação da Missão

**"SÃO VICENTE,
AMIGO DOS POBRES,
AMIGO DA GENTE,
AMIGO DE DEUS. (BIS)**

**CORAÇÃO HUMILDE,
SEM MARCAS DE AMBIÇÃO,
SEMPRE AJUDANDO SEU
IRMÃO! (BIS)**

**CORAÇÃO QUE ACOLHE
O POBRE E O SOFREDOR,
CHEIO DE TERNURA
E DE AMOR! (BIS)"**

Foi assim que um terceiro hino, não ao Colégio, mas ao próprio santo, que veio de um grupo de jovens de igrejas num festival de música de Belo Horizonte, acabou ocupando o espaço e tornando-se referência para os Alunos de hoje do Colégio São Vicente, do Rio.

Ele tem uma melodia simples e bonita e uma letra muito clara, que expõe a missão do Colégio, de promover a transformação a partir dos ensinamentos de São Vicente de Paulo. Então nós começamos a puxar essa música em algumas aulas e celebrações e aos poucos ela foi pegando e se tornando o que é hoje.

Ele não é um hino oficial do Colégio, mas na prática acaba virando um hino, porque é alegre, pela mensagem que passa, que congrega a todos nos momentos festivos, nas celebrações do Colégio, nas formaturas. É ele que está na alma e no espírito do que a casa prega. É ele que todos gostam de cantar."



ARQUIVO SÃO VICENTE



ARQUIVO SÃO VICENTE



ARQUIVO SÃO VICENTE



ARQUIVO SÃO VICENTE



ARQUIVO SÃO VICENTE



ARQUIVO PROF. JOSÉ HENRIQUE

ONTEM E HOJE

O ano de 1974 marcou o início dos saraus no Colégio. Nas fotos em preto e branco, vemos uma apresentação do Coral do São Vicente; o auditório repleto de Alunos, Professores, Funcionários e até religiosos; e o grupo do hoje famoso maestro Júlio Moretzsohn (na flauta). Abaixo, exatos 40 anos depois, o Coro São Vicente a Capella canta sob a regência de Patricia Costa. Ao centro, no ginásio, o “Sarau da Ditadura”, com músicas que marcaram nossos anos de chumbo. E, à direita, em 2012, na sala de música, ensaia o grupo de Alunos do então Professor

José Henrique, que lecionou música no SV de 2002 a 2012. Ele comprou baixo, amplificador e trouxe sua bateria para as bandas de rock. Hoje, os meninos já se formaram e seguiram seus caminhos: da esquerda para a direita, Daniel estuda canto e gravou um cd; Felipe toca contrabaixo; Gregório (voz) faz curso no exterior, é compositor e baterista; Emanuel faz licenciatura em música; Alexandre continua tocando guitarra; e Tiago toca teclado e violão. O Professor José Henrique tem um espaço de música em Laranjeiras.



NA REGÊNCIA POR UM MUNDO MAIS HARMÔNICO

Ex-aluna que descobriu o cavaquinho nos saraus do Colégio, Maria Clara Barbosa hoje coordena projeto de profissionalização em música para jovens de Comunidades pobres

O tempo de estudante do Colégio São Vicente já vai longe para a regente, arranjadora e cavaquinista Maria Clara Barbosa, hoje com 57 anos. Foi em 1975 e 76 que ela cursou o 2º e 3º anos do então chamado Segundo Grau. “Naquela época, não havia aula de música no Ensino Médio, mas a gente fez muito mais música do que qualquer outra coisa. Tínhamos um Grêmio muito atuante, semana de artes plásticas, cineclube e um monte de atividades ligadas à arte. Era muito bacana. E tinha os saraus, onde a gente começou a tocar”, conta Maria Clara, que acabou ficando conhecida como Clarinha do cavaquinho.

O instrumento era então praticamente desconhecido das rodas musicais da Zona Sul carioca. “Ninguém tocava cavaquinho, só no morro. Ele voltou a aparecer com o *revival* do choro, que estava completamente esquecido. Depois foram aparecendo outras pessoas, como a Beth Carvalho, a Luciana Rabello, a Ignez Perdigoão, coincidentemente, todas mulheres”.

Para Clarinha, esses anos de São Vicente foram fundamentais na trajetória que ela viria a seguir. “Eu toco cavaquinho por causa do Jorge Luiz (coordenador do Ensino Médio na época). Veio dele o incentivo para essa relação com o choro. E para a criação dos saraus. O Jorge era um cara completo e sabia a importância da arte da formação de um ser humano”.

A semente plantada então vingou. Maria Clara seguiu carreira na música. Formou-se pela UniRio, deu aula em escolas públicas e privadas e participou de inúmeros grupos como cavaquinista. Gravou, dirigiu e produziu CDs e DVDs e desenvolveu várias atividades culturais na Fundação Oswaldo Cruz.

Mas foi a partir de 2008 que a flor da transformadora social desabrochou, quando Clarinha conheceu o violonista Turíbio Santos, Diretor do Museu Villa-Lobos. Desenhou então um projeto de profissionalização em música para jovens das Comunidades pobres do Rio, dando continuidade a outro já existente na casa, o *Villa-Lobinhos*, que atendia somente os moradores do Morro de Santa Marta, em Botafogo.

Villa-Lobos e as Crianças

Com o patrocínio da Petrobras nasceu assim o projeto *Villa-Lobos e as Crianças*, oferecendo cursos regulares de música, com a duração

de três anos letivos, para jovens entre 8 e 20 anos de idade. Para entrar no projeto é preciso ter alguma base de música. “Nós começamos a selecionar, em outras iniciativas de ONGs que trabalhavam com projetos musicais em Comunidades de baixa renda, os meninos que potencialmente poderiam ter suas vidas modificadas pela música, através da profissionalização. Aqueles que tinham uma ligação realmente visceral com a música”, conta Maria Clara.

Há sempre em torno de 60 Alunos no *Projeto Villa-Lobos e as Crianças*. Além das aulas, eles participam de três orquestras: a filarmônica, a de cordas e a popular. As duas primeiras são regidas pelo maestro Sérgio Barbosa. E a Orquestra Popular Tuhu tem arranjos e regência de Maria Clara.

Tuhu era o apelido de Villa-Lobos quando criança, e assim como ele, que teve sua formação baseada no choro, também a orquestra que leva seu nome busca inspiração e bebe na fonte de Pixinguinha, Noel Rosa, Dorival Caymmi e outros mestres da música brasileira. “Na Tuhu, são 25 jovens tocando flauta, clarinete, saxofone, trompete, trombone, baixo, cavaquinho, violão e percussão. É uma big-band”, explica a regente. Eles estão sempre se apresentando por aí, em teatros, festivais, nas praças... Quem já levou criança no bloco de carnaval *Largo do Machadinho, mas não largo do suquinho*, por exemplo, certamente já os viu tocar.

A cada ano são selecionados 10 novos Alunos, que substituem os que se formam. Os mais antigos por vezes voltam como bolsistas e muitos integram o corpo de monitores e colaboradores. Como Fábio Henrique da Silva, antes ajudante de pedreiro na Baixada Fluminense, hoje monitor. “É incrível como projetos desse calibre conseguem fazer jovens com talento para a música despontar tão facilmente”, disse ele num recente depoimento ao programa de tv da jornalista Fátima Bernardes.

Clarinha em dois tempos: tocando cavaquinho num sarau do São Vicente e com os músicos da Orquestra Popular Tuhu

“É a paixão, na relação solidária do trabalho coletivo, que faz a transformação”.

Maria Clara Barbosa

“Dos que passaram pelo projeto, pelo menos trinta foram fazer faculdade de música. Muitos estão trabalhando como regentes ou professores de música em suas comunidades. E há outros tantos na universidade em outras carreiras, porque não nos interessava só formar profissionais de música, mas profissionais em geral, mais competentes e mais sensíveis”, diz Clara.

Para os atuais Alunos do São Vicente que também pensam em levar adiante o lema do Colégio, ela deixa seu recado: “Tem que ter uma paixão. E essa paixão, numa relação de troca e solidariedade de um trabalho coletivo por um objetivo comum, é que faz a transformação”.

PATRICIA COSTA UM NOME QUE É REFERÊNCIA EM CORO JUVENIL

A usente do Colégio há quase um ano, por conta de seu doutorado em Música, a regente Patricia Costa é a grande responsável pelo sucesso que os coros do São Vicente alcançaram dentro e fora da escola. Dos Estados Unidos, onde está estudando (com bolsa de doutorado-sanduíche Capes/Fulbright), ela falou com **A Chama** sobre esse trabalho, iniciado em 1993. Lembra que ele foi motivado pela alegria que a contagiou ao ver os caras-pintadas se manifestando nas ruas de Laranjeiras. “Ali eu pensei: é com essa turma que eu quero trabalhar”. Escreveu um projeto para a montagem de um coro juvenil e o propôs ao Colégio São Vicente, que o abraçou. Nesses 23 anos, Patricia, com o apoio da direção, da APM, e de seus colegas de ofício, montou um trabalho que virou referência em coro juvenil para todo o Brasil. Juntou sua experiência de atriz, cantora e Professora e inovou a maneira de reger coros voltados para o público jovem. “É um trabalho de excelência; a gente quer ser profissional enquanto amador”, diz ela. Hoje tem uma legião de fãs ansiosos por sua volta. Há pouco tempo recebeu carta de um ex-coralista que terminava assim: “quando eu quiser pensar num trabalho de cuidado e de preciosidade, eu vou sempre lembrar dos corais do Colégio São Vicente”.

Muitos ex-Alunos que seguiram carreiras na música citaram em seus depoimentos a passagem pelos corais do Colégio como determinante na sua escolha profissional. A que você atribui isso?

Eu trabalho no Colégio São Vicente há 23 anos e nesse período tenho trabalhado também em outros locais. Acredito que o grande sucesso dos corais do São Vicente tem a ver com a própria visão vicentina de educação. O coral é uma microssociedade baseada em generosidade e escuta do outro. E isso vai totalmente ao encontro da ideia vicentina de enxergar o pobre e trabalhar por ele. O bom coralista não é o que canta melhor que todo mundo, mas o que sabe compartilhar o seu talento com os demais em prol do coletivo.

Quando você chegou já existia um registro de coros na história do São Vicente, com os maestros Homero Magalhães, pai e filho, e depois com Paulo Malaguti. O que mudou quando você assumiu esta tarefa de retomar o trabalho de coral na escola?

Uma coisa é você ter um regente de coro numa escola, como foi o caso dos excelentes maestros citados, outra é ter um educador, que usa o canto coral como instrumento de educação. Isso fez diferença. Quando eu entrei no São

Vicente eu estava no meio da minha licenciatura e completamente antenada para as questões de educação em primeiro lugar, e depois de música.

O São Vicente foi sua primeira experiência de regência de coro escolar?

Foi minha primeira experiência de regência. Ponto. Então, eu resolvi fazer uma abordagem cênica, uma vez que eu trabalhava como atriz, também como uma forma de suprir minha pouca experiência de regente de coro, embora eu mesma tivesse cantado em coro desde a década de 70. Essa ideia surgiu por conta de um episódio que ocorreu em 1992. Eu estou em casa trabalhando, na Rua das Laranjeiras, quando ouço um grande burburinho vindo da rua. Vou até a janela e vejo um mar de jovens pintados se manifestando a favor do impeachment do Collor. Tinha uma alegria e uma vida ali que eu fiquei hipnotizada. Eu fiquei tão encantada com aquela energia que decidi ali mesmo que era com essa juventude que eu queria trabalhar. Foi aí que eu escrevi o projeto de criação de um coro juvenil e o propus ao Colégio São Vicente.

O coro do Colégio estava parado naquela época?

Não havia coro naquela época. O Padre Domingos, que me recebeu, explicou que o Colégio já tinha investido muito em coral, mas que nunca vingava. Aí eu propus a ele tentar uma experiência de coro como uma atividade extra-classe autônoma, e ele topou. Só depois, quando a experiência deu certo, é que eu fui contratada e estou até hoje. Eu comecei com um coro do Ensino Médio. Na mesma época a Norma Nogueira estava entrando para fazer um trabalho de musicalização com as crianças e durante um tempo fizemos um trabalho de coro juntas. Depois ela seguiu com o coro dos menores e eu, dos maiores. Em 1997, apareceu o I Concurso Nacional Funarte e eu resolvi inscrever meu coral com o objetivo de fazer melhorar o meu trabalho como regente, trabalhando um coro a cappella (sem acompanhamento de instrumentos). Aí eu formei um coro específico para isso, que acabou virando o São Vicente a Cappella, ganhador do primeiro lugar no segundo concurso da Funarte, em 1999.

O que é específico de um coro jovem, no qual você se tornou grande especialista?

A minha dissertação de mestrado é sobre coro juvenil e eu de fato defendo uma abordagem diferenciada para ele. Coro juvenil não é um bando de crianças que cresceu nem um coro de adulto feito às pressas. Ele tem necessidades, linguagens e abordagens específicas. Ele

lida com adolescentes, às vezes pré-adolescentes e, no nosso caso, jovens adultos também, na medida em que muitos que se formam no Colégio continuam cantando no coro. O adolescente tem uma grande necessidade de pertencimento no grupo. O que a gente faz é tentar canalizar isso para um grupo saudável. E a resposta é incrível. Eu sempre tive pessoas muito dedicadas no coral. Existe uma questão que eu defendo muito também que é a do repertório. Estou inclusive trabalhando esse tema no meu doutorado. A temática, por exemplo, é importantíssima. O coral é um canal de expressão para o mundo, então, o adolescente precisa cantar o que ele quer expressar, senão ele não se interessa. Não que isso signifique cantar só o que eles conhecem, porque cabe a mim como educadora ampliar o repertório deles.

Qual a importância de um bom trabalho de canto coral na formação dos Alunos?

Na formação para a música existem questões básicas que se trabalham nos coros como escuta, percepção e harmonia. O coral é um processo de educação musical na veia, é uma das mais fortes formas de musicalização, com o benefício de que ele não requer nenhum instrumento a não ser a voz que cada um traz na garganta. Isso, inclusive, é uma grande vantagem principalmente em se tratando de áreas carentes de recursos, que não é, claro, o nosso caso. O São Vicente, eu costumo dizer, é uma “ilha da fantasia” para quem trabalha com música, tamanho o investimento que o Colégio faz na música. Para a formação da cidadania, a participação no coral também é excelente. Além da questão do pertencimento, já mencionada, o coral permite uma visão generosa e colaborativa do viver em sociedade. O coral ensina a viver no coletivo sem que a gente precise falar disso explicitamente.

O fato de o Colégio ter uma boa estrutura para a música – aulas, equipamentos, bons Professores etc – ajuda no resultado do trabalho do coral?

Sem dúvida. Como estou há mais de 20 anos na escola, sou testemunha do tanto que meus Alunos progrediram por conta da Música dentro da grande curricular. Quando eu entrei no Colégio, as aulas de música só iam até a antiga quarta série primária. Isso começou a mudar em 1999 e hoje todas as séries do Fundamental estudam música e também o primeiro ano do Ensino Médio. Temos uma equipe de Professores excepcional, que faz um trabalho de base excelente. E isso, claro, repercute muito no resultado dos nossos corais. Eu tenho um amor enorme ao São Vicente e a tudo o que ele tem conseguido propiciar ao canto coral brasileiro.

SARAU O GRANDE CELEIRO DE TALENTOS MUSICAIS



No sarau de 74, a cantora Clara Sandroni (acima), o Professor Jorge Luiz e João Carlos, o Joka, na mesa de som



“**N**ada mais glomoso e mais marcante pra mim no São Vicente que os saraus... *Coveiro bobo e seus defuntos... English baby... Leprechaun! ... Mulheres que dizem sim... Perdigotos da sociedade... Persona non grata...* Desde pequeno era o evento mais marcante... mais esperado... Foi só pra mim ou outras pessoas se lembram também?”

A fala acima, do ex-Aluno Luiz Augusto Barros, marca o início de um bate-papo entre colegas na Comunidade CSVP do Orkut, em maio de 2004, lembrando os saraus do seu tempo de Colégio, dez anos antes. À pergunta de Luiz Augusto, os colegas iam rememorando os eventos que mais os marcaram e o que daquela época ficou para cada um.

Falam com saudade dos *Sackerlots*, saraus que aconteceram no Circo Voador, falam das bandas *Funk Fuckers*, *Planet Hemp*, *Thin Elephants*, *Banda Sangue*, *Família Roitman* e outras que fizeram sucesso na época e já não existem mais. A conversa segue até 2007, quando outro ex-Aluno, Rodrigo Curi, diz: “Pois é... essa história de sarau acabou com a minha vida. Acabei virando músico”.

Esse bate-papo é um registro exemplar de como os saraus do São Vicente são marcantes. Evento sempre aguardado com ansiedade, ele teve início lá atrás, em 1974, por sugestão do então coordenador do Ensino Médio, Jorge Luiz, para dar vazão à veia artística dos Alunos, sem o espírito competitivo dos festivais.

A ideia era que cada um pudesse exibir um pouco do seu talento. “Os primeiros saraus, realizados no auditório, eram tardes e noites de artes. Tinha de tudo: poesia, teatro, coral, cantores, instrumentistas e bandas, claro. As paródias também faziam muito sucesso. Era um acontecimento, o auditório ficava lotado”, conta o coordenador de multimídia João Carlos Rodrigues Gomes, o Joka, que era então Aluno do curso profissionalizante de eletrônica, e por conta disso foi convidado a cuidar do som do evento.

Outro Aluno dessa época, o hoje advogado e violonista Henrique Pedrosa, foi presidente do musiclube do São Vicente e também participou muito dos saraus. “Eu tocava sempre, misturava clássico com popular. Uma vez, junto com meus irmãos (Maurício e Sérgio, na flauta e no violino) tocamos Edu Lobo e Béla Bartók misturados”, lembra Henrique.

Desse período áureo, ele conta, despontaram nos saraus Maria Clara Barbosa (a Clarinha do Cavaquinho), Julio Moretzsohn, hoje renomado maestro, Carlos Sandroni (compositor e violonista) e sua irmã, a cantora Clara Sandroni,



À esquerda, Luisa Boemer canta no “Sarau da Ditadura”. Acima, a banda Mebius se apresenta no Sarau de 2010, com Gabriel Barcellos na guitarra, Antonio Machado no sax, Gabriela Garrido na voz, André Sawyer no baixo, André Chaloub na bateria e Pedro Tentilhão na guitarra.

“O sarau tem uma grande importância também porque é um espaço do Aluno, sempre foi uma iniciativa do Grêmio com apoio do Colégio.”

Zeduh, ex-Compasso

que arrancava aplausos da plateia, cantando *Ronda*, de Paulo Vanzolini. Do rock, faziam sucesso Lobão, Biquini Cavado e roqueiros que mais tarde viriam despontar na cena nacional com bandas como Kid Abelha, Dr. Silvana e Barão Vermelho.

Sabadões e Sackerlots

Nos anos 80, o sarau se transferiu para o ginásio (inaugurado em setembro de 81) e passou a ser um evento exclusivo de música. Os anos 90 marcam o início dos *sabadões* e também dos tais *Sackerlots*.

O geógrafo André Alvarenga, que estudou no São Vicente de 1987 a 1997 e participou do Grêmio em 94, fala sobre isso: “Os *sabadões* culturais eram eventos muito legais. Tinha a pintura do muro,

a apresentação das bandas, e a gente podia beber cerveja, com um certo controle, claro. Nesse *sabadão* havia um júri que selecionava as melhores bandas, que junto a outras, do Ceat e do CAP-UFRJ, organizavam o *Sackerlot*, no Circo Voador. Esse nome vem de uma expressão em alemão, tipo “caramba”. Houve três desses saraus no Circo, de 1993 a 95, até que a casa foi fechada por conta de um problema com o prefeito”, conta André.

Com idas e vindas, o sarau continuou sendo realizado no Colégio, por vezes no ginásio, outras no pátio, tendo as mesas de pingue-pongue como palco. “Independente de onde acontecia, o importante é que o pessoal estava se aglutinando, formando as suas bandas, colocando a sua expressão musical para fora. Hoje uma das poucas escolas que ainda têm o sarau é o São Vicente, porque aqui se investe em cultura e arte. E o sarau tem uma grande importância também porque é um espaço do Aluno, sempre foi uma iniciativa do Grêmio com apoio do Colégio”, afirma Zeduh, que durante dez anos esteve à frente da Compasso, organizadora dos eventos, junto com o Grêmio.

Recentemente, depois de algum tempo em baixa, o sarau voltou com força. E é o ex-Aluno Victor Vasconcellos, que se formou em 2011, quem conta: “Em 2010, o sarau andava meio parado e por acaso havia várias bandas novas surgindo no Colégio. A *Deluxe*, em que eu tocava guitarra, era uma delas. Nós tínhamos amigos do Grêmio e, já sabendo da tradição da escola com os saraus, propusemos fazer um. Tinha uma história de que o sarau no ginásio incomodava a vizinhança, então resolvemos fazer fora do Colégio. O local escolhido foi o Teatro Odisseia, na Lapa. Além da *Deluxe*, também se apresentaram a *Sobrenome*, que virou *Cardume* depois, a *Mebius*, e um monte de outras menores, além de apresentações solo. O interessante é que dessas bandas maiores, boa parte acabou seguindo carreira ligada à música. Eu trabalho com a banda *Baltazar*, do Pedro Tentilhão, que tocava na *Mebius*, do Jota e do Pedro, que eram do *Cardume*. A galera foi se misturando. A Gabriela Garrido que era vocalista da *Mebius*, está lançando um disco. O André Chaloub, que era baterista da *Mebius*, está em Nova York estudando música. Bruno, que era guitarrista da *Deluxe*, agora é baterista de um banda de poprock, a *Drops 96*. E por aí vai.”

É o celeiro dos saraus, sempre lançando novos talentos na cena musical carioca.



EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

Honrando seu lema de formar agentes de transformação social, o CSVP não ficou alheio ao momento político que o país atravessa. Sentindo necessidade de se manifestar, um grupo de Alunos sugeriu que se colocasse uma faixa na fachada do Colégio que expressasse seus sentimentos e valores diante da crise. A ideia foi debatida e votada em assembleias do Grêmio do Ensino Médio, discutida com Professores e levada ao Conselho de Coordenações, que avaliou sua pertinência e possíveis consequências, antes de aprová-la. Com os dizeres “Onde houver educação, haverá democracia”, a faixa foi estendida às vésperas da votação do impedimento da presidente Dilma Rousseff na Câmara. Como esperado, gerou manifestações a favor e contra. É o São Vicente mais uma vez fiel à sua história.

DEBATE POLÍTICO

Para melhor embasar a Comunidade vicentina sobre as discussões políticas que tomam conta do Brasil, tanto nas ruas quanto nas redes sociais, o Colégio São Vicente convidou para um debate dois professores universitários, ambos mestres e doutores em Ciência Política, com visões distintas sobre o atual momento do país: Carlos Pereira, professor da Fundação Getúlio Vargas, e Talita Tanscheit, pesquisadora do Laboratório sobre Estudos da Democracia da Uerj. O debate aconteceu na manhã do dia 20 de abril. Como era destinado aos Alunos do 9º ano do Fundamental ao 3º do Ensino Médio, precisou ser realizado no ginásio, já que o auditório não comportava todo o público que prestigiou o evento



ARQUIVO SÃO VICENTE

CHRISTINA BARCELLOS



ARQUIVO SÃO VICENTE

PINTURA DO MURO

Dezenove de março foi o dia de os Alunos do 1º ano do Fundamental fazerem a Pintura no Muro. Primeiro fizeram os desenhos em sala e, depois, com a supervisão e ajuda dos Professores, reproduziram suas criações nos muros. O tema deste ano foi Brincadeira. Saiu cada coisa linda!

TROCA-TROCA DE LIVROS

Mal teve início o ano letivo, a Coordenação Comunitária promoveu uma nova edição da feira de troca de livros no Colégio. Sempre realizada na última semana de dezembro, a feira teve repeteco nos dias 18 e 19 de fevereiro, no subsolo, para dar nova chance aos Alunos de trazerem seus livros antigos para serem reutilizados pelos colegas mais novos. Como sempre, só valem livros da lista que será adotada no ano. Ao final do evento, foram contabilizadas mais de 100 trocas de livros didáticos e extracurriculares. Segundo o inspetor José Ricardo, que ajudou a organizar as trocas, a maior oferta de livros foi dos 6º e 7º anos, mas a maior procura foi por livros do Ensino Médio, que são usados nos três anos do ciclo. “Muitos Alunos que saem da escola não se lembram de voltar para doar seus livros, é uma pena”, disse o inspetor. Bora ficar antenado à cultura da sustentabilidade e da colaboração?

Os inspetores José Ricardo (à esq.) e Luciano, que organizaram as trocas



ROSA LIMA



ARQUIVO SÃO VICENTE

CINECLUBE

A primeira edição deste ano do Cineclubes, projeto articulado pelo Grêmio do Ensino Médio (Greco) em parceria com a Coordenação Comunitária, aconteceu na noite de 15 de março, no auditório. A ideia do Cineclubes é exibir sempre um filme que promova a reflexão de um assunto importante para o universo dos Alunos, seguido de um debate. Desta vez, a atividade, que reuniu cerca de 150 Alunos da EJA e contou com a presença marcante de Alunos do 9º ano e do Ensino Médio, trouxe como tema central o processo de ocupação das escolas e seus desdobramentos. O filme apresentado foi Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile, do cineasta argentino Carlos Pronzato. No documentário, ele mostra a rotina de aprendizado, discussão política e atividades culturais que fizeram parte dos bastidores da ocupação das escolas por estudantes da rede pública em São Paulo, em resposta ao projeto de reorganização das escolas apresentado pelo governo estadual paulista. Depois da exibição, os convidados Theo Lobato, Rodrigo de Souza Dantas e Gabriel Lindenbach subiram ao palco e realizaram uma mesa redonda que empolgou a plateia e fechou a noite com chave de ouro.



ARQUIVO SÃO VICENTE

PASSEIOS DE INTEGRAÇÃO

Março também foi o mês dos passeios de integração dos Alunos, realizados na Casa Abel, em Araruama. O do 9º ano do Ensino Fundamental (foto) aconteceu no dia 12. Contou com um grupo pequeno, mas foi muito animado. O pessoal do 1º ano do Ensino Médio aderiu em peso ao passeio, realizado no dia 16 de março. Foram 73 Alunos participantes no total. E o 2º ano teve seu dia de passeio em 17 de março. Todos um sucesso. Nesses eventos, os Alunos têm a possibilidade de estar juntos num encontro mais informal, de relaxamento e lazer e se conhecerem melhor. Parte do dia é dedicado a dinâmicas de grupo, oficinas e atividades que promovem a reflexão sobre o mundo e o tempo em que vivemos, mediadas por Professores. No resto do dia, os Alunos aproveitam a piscina, jogam bola e participam de brincadeiras as mais diversas. Não falta, é claro, o momento roda de violão, com o pessoal soltando a voz. Uma experiência alegre, rica e de grande entrosamento das turmas.

PROJETO CAMISAS DO BEM

Como resultado do projeto iniciado em 2015, *Camisas do Bem*, a Associação de Pais e Mestres apoiou 66 Alunos bolsistas e 11 Alunos filhos de Funcionários do Colégio, com 435 livros (221 livros comprados e 214 conseguidos por doação das editoras). Os filhos de Funcionários também tiveram direito a apanhar, cada um, três camisas do uniforme do Colégio. Mereceram um aplauso especial as funcionárias Tereza e Mônica, da Biblioteca, que se empenharam junto às editoras para conseguir doação de parte do total de livros para os Alunos bolsistas. Estão todos de parabéns!



MANHÃ DAS LETRAS

Dia de Sol, gente bacana, histórias de Ruth Rocha, oficinas de arrasar... Assim foi a Manhã das Letras, Livros e Leituras, realizada no sábado, dia 16 de abril, na Quadrinha da sala de Artes. Iniciativa da Sala de Leitura do CSVP, comandada pela Professora Mônica Albertino, a Moniquete, a Manhã das Letras contou com a feira de livros trazida pela Livraria Entretex, com o pessoal do Circo Macaco Prego, com contação de histórias e oficinas superbacanas. A homenageada do evento foi a grande autora Ruth Rocha, que este ano completa 85 anos.



ARQUIVO SÃO VICENTE

AS LIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA POLÍTICA



GRÊMIO

ARQUIVO GRÊMIO

Em outubro de 2015, nós, Alunos do Colégio São Vicente de Paulo, nos organizamos para ir ao 41º Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (CONUBES), que ocorreria em novembro. Conseguimos, então, um ônibus que levou os 26 Alunos a Brasília, com o auxílio do Grêmio e o empenho de todos que compareciam às assembleias estudantis, além do apoio, depois de muita insistência, da Coordenação, Direção, dos Pais e, especialmente, do Professor de História do 6º ano, Luís Gai, do inspetor Gerson Lima e da ex-aluna Laura Mineiro, que nos acompanharam na viagem.

A UBES foi fundada em 1948, alguns anos depois da fundação de sua entidade "irmã mais velha", a União Nacional dos Estudantes (UNE). Apesar de terem tido destaque por sua atuação durante a Ditadura Militar, ambas as entidades, que

Em texto escrito especialmente para A Chama, Alunos do CSVP contam de sua participação no Congresso da UBES, em Brasília, e do que aprenderam com a viagem

teriam o intuito de servir como sindicatos estudantis, após o regime foram perdendo voz e acabaram se tornando aliadas do governo e coniventes com o descaso dele para com a educação pública, por conta da atual Diretoria, a União da Juventude Socialista, do PC do B.

O São Vicente é um Colégio com histórico de luta nos movimentos estudantis e de interesse político no geral; contudo, nas assembleias de Alunos se discutia que, de uns tempos pra cá, o CSVP se mostrava calado, acomodado com a conjuntura do momento. Resgatar esse processo de interesse político dos Alunos era o nosso principal objetivo, além de termos a oportunidade de participar de um evento que nos colocaria em contato com diversos estudantes secundaristas de todos os cantos do Brasil. Portanto, mesmo cientes da falta de democracia nos espaços das entidades estudantis, nos mobilizamos para participar do Congresso.

Chegamos a Brasília no dia 12 de novembro, no Parque da Cidade onde o evento aconteceu, e após nos credenciarmos e alimentarmos no bandeirão, nos dividimos entre as atividades que aconteciam. Havia ao mesmo tempo palestras e debates sobre temas como a América Latina e a soberania dos povos,

“Dessa reflexão concluímos o quão importante é nos auto-organizarmos como estudantes secundaristas e proporcionar espaços verdadeiramente democráticos, que possibilitem debates e diálogo, sem o oportunismo partidário.”

democratização da mídia, reformulação do ensino médio, currículo escolar, ensino técnico, grêmio livre, opressões na escola, direito ao passe livre, entre muitos outros. Apesar de a maioria dos debates serem muito interessantes, ainda que em outros os palestrantes deixassem a desejar, todos notamos a estreita abertura para que os próprios estudantes se pronunciassem e debatessem livremente, além da organização interromper, constantemente, falas de militantes opositores.

Nessa primeira noite, como o nosso alojamento ainda não estava liberado, ficamos hospedados numa paróquia disponibilizada pela nossa Direção. Lá, fomos muito bem recebidos com jantar e café da manhã completos.

No segundo dia, o cronograma previa uma manifestação dos estudantes em defesa de uma educação de qualidade, mais direitos e democracia em frente à Praça dos Três Poderes. A pauta reivindicada era vazia e o ato em si não constituía qualquer unidade, ou seja, cada força política

ficou espaçosamente separada, enquanto na frente desfilou o carro de som principal, em que a presidenta da UBES da época, Bárbara Melo, discursou a maior parte do trajeto.

À noite, armamos nossas barracas pela primeira vez no alojamento do coletivo Juntos, situado em uma escola. Tivemos a incrível oportunidade de conhecer outros companheiros e companheiras secundaristas, além de aproximar ainda mais os laços entre o grupo do São Vicente, que englobava desde o 9º do EF ao 3º ano do EM.

Os dois últimos dias, nos quais aconteceram as plenárias finais, comprovaram como o congresso foi simbólico e como se tornou palco de disputas partidárias. Após a organização demorar cinco horas para iniciar a assembleia, as leituras das teses ainda levaram um bom tempo, com várias interrupções até que cada força apresentou uma tese que reunia os ideais e propostas que ela deveria se responsabilizar por defender nos próximos dois anos. Não houve qualquer discussão acerca das teses em si, mesmo sendo de extrema importância e o ponto principal da convenção.

Nesse momento conseguimos sentir o peso da aparelhagem do movimento estudantil e dessa reflexão concluímos o quão importante é nos auto-organizarmos como estudantes secundaristas e proporcionar espaços verdadeiramente democráticos, que possibilitem debates e diálogo, sem o oportunismo partidário.

Devido a todas as nossas frustrações, acrescidas de motivos ideológicos, decidimos que, através de nossos delegados, Júlia Campos, Guilherme Sodré e João Pedro Braga, votaríamos na chapa de oposição à organização.

Da experiência da viagem, incluindo os estresses anteriores para organizá-la, ganhamos muito. O congresso em si pode não ter contemplado nossa demanda política e ter sido frustrante em diversos momentos, mas de lá obtivemos grandes aprendizagens que vão para além do currículo escolar. O mais engraçado é que, ao mesmo tempo em que participávamos do CONUBES, em São Paulo, as primeiras escolas começavam a ser ocupadas contra a reorganização proposta pelo governo estadual. Contrastando com a nossa ida a Brasília, as ocupações foram organizadas autonomamente pelos estudantes, além das entidades como a UBES e a UNE terem sido expulsas de seus espaços e protestos.

Não é à toa que, em 2016, começamos o ano pensando em suprir a demanda democrática e incentivar a participação política periódica dos Alunos. O Grêmio tornou as assembleias estudantis fixas durante duas vezes na semana, que já têm se mostrado positivas, contando com a participação média de 25 Alunos por assembleia. A construção da sociedade mais justa que a utopia nos permite idealizar deve começar ainda no ambiente escolar, pois afinal, seremos ou não agentes da transformação social?

a chama

PUBLICOU HÁ... 43 ANOS

II FESTIVAL DE MÚSICA

Em seu primeiro número (ainda um jornalzinho datilografado), lançado em 27 de setembro de 1973, **A Chama** deu destaque ao **II Festival de Música Jovem**, ocorrido em agosto e setembro daquele ano. O evento foi criado em 1972, por iniciativa da APM e do Grêmio, na esteira dos festivais da canção que fizeram história no país.

Na segunda edição, que contou com a participação de várias escolas do Rio, a repercussão foi tal que virou notícia na Manchete, revista popular na época. O Aluno José Renato, do Colégio Rio de Janeiro, ficou com o primeiro e o terceiro lugares. Nos anos 80, ele integraria o conjunto Boca Livre, de muito sucesso, e depois seguiria carreira solo como Zé Renato, ainda hoje um dos grandes cantores da MPB.

II FESTIVAL DE MÚSICA

Nas noites de 31 de agosto e 1 e 2 de setembro foi realizado o II Festival de Música do Colégio São Vicente de Paulo.

O nosso esforço - do grêmio - foi plenamente compensado, pois, sem sombra de dúvida o festival superou as nossas expectativas.

A começar pelo nível das músicas, elogiadas pela revista Manchete, o clima de disciplina com que foi encarado, tanto pelos participantes quanto pelos espectadores, sem falar da parte financeira que foi um sucesso total.

Com a renda obtida conseguimos saldar nossas dívidas, inclusive com a A.P.M., o que nos deixou radiantes e recompensados após tal esforço.

A seguir o resultado do Festival:

- 3 -

1º lugar	Bela Isabela
Cr\$ 2.000,00	Autor: José Renato
	Colégio Rio de Janeiro
2º lugar	O Barco
Cr\$ 1.000,00	Autor: Edson Esteves
	Colégio Franco Brasileiro
3º lugar	Topo da Serra
Cr\$ 500,00	Autor: José Renato
	Colégio Rio de Janeiro
4º lugar	Esse Malandro
Cr\$ 100,00	Autor: Herberto Sales Filho
	Colégio São Vicente de Paulo
5º lugar	Quero estar com você
Cr\$ 100,00	Autor: Cláudio Britto
	Colégio São Vicente de Paulo

Rodrigo Vilhena Soares
Presidente do Grêmio Colegial
oo0oo

POR QUE "CHAMA"?

Pe. José Pires de Almeida, C.M.

Sai a lume o primeiro número do JORNAL DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES. Benvindo!

Em nome do Colégio, minha palavra de aplauso e estímulo. Como membro da Diretoria da mesma A.P.M. - assistente eclesiástico - me obrigo a prestar todo apoio e colaboração.

oo0oo

Nunca são demais os laços, quando existem tantas forças de desagregação. Seja A CHAMA um desses laços. Pimnando e aquecendo, aproxime as pessoas, ajude-as a comunicar-se, como ponte aberta entre os membros tão diversificados da grande FAMÍLIA do Colégio São Vicente de Paulo.

oo0oo

Há 13 anos existe a A.P.M. entre nós. Caminhada longa sem dúvida. En-



FOTOS PREMIADAS EM 1º LUGAR NO II CONCURSO DE FOTOGRAFIAS PE. LAURO PALÚ - 2015

III CONCURSO FOTOGRAFICO PE. LAURO PALÚ

INSCRIÇÕES DE 2 DE MAIO A 29 DE JULHO

TEMA LIVRE

FOTOS FEITAS SOMENTE NO COLÉGIO

CATEGORIAS

ENSINO FUNDAMENTAL I
ENSINO FUNDAMENTAL II
ENSINO MÉDIO E EJA

3 PRÊMIOS POR CATEGORIA

VALES-PRESENTES DA LIVRARIA SARAIVA
R\$650 / R\$ 450 / R\$ 350 POR CATEGORIA

MAIS UMA CÂMERA NIKON COOLPIX L820 PARA A FOTO MAIS "CURTIDA" NA PÁGINA DO CONCURSO NO FACEBOOK



ORGANIZADO PELA
ASSOCIAÇÃO DE
PAIS E MESTRES



COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO